

AFETIVIDADE NA ESCOLA: A CRISE AFETIVA E SEU REFLEXO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Jéssica Marina Aparecida Silva Andrade¹

Alessandro Garcia Paulino²

RESUMO: A afetividade é o laço que permeia as relações entre educadores e educandos no ambiente escolar, portanto, o presente artigo tem como objetivo apresentar e problematizar o conceito de afetividade, analisar sua pertinência no processo formativo do ser humano, identificar possíveis soluções teóricas para resgatar a afetividade dentro da escola. Ao abordar aspectos sobre a crise afetiva e seus impactos no processo de aprendizagem, proporciona um novo olhar sobre esta temática, com vista a possibilitar novas posturas e novas práticas no contexto escolar, verificando os motivos de uma crise afetiva entre professor e aluno no âmbito educacional. Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica embasada em diversos autores a partir da inserção no universo da escrita acadêmica de forma a exercitar um olhar mais instigante para o mundo da pesquisa e do ser pesquisador. Selecionou-se assim, essas contribuições por meio da leitura, com o objetivo de trazer a tona uma discussão sobre as principais teorizações de cada um deles para a elucidação do problema de pesquisa. O estudo demonstrou que a afetividade um fator indispensável para permear as relações entre educadores e educandos e que de fato se torna eficaz quando utilizada de forma aliada a prática pedagógica docente, trazendo assim, grandes contribuições para o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Crise. Relação Professor/Aluno. Aprendizagem. Resgate da Afetividade

1. Introdução

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras (Ufla/MG), sempre fui apaixonada pela educação. Desde bem pequena o meu maior sonho era me tornar professora e sou grata a Deus pelas oportunidades que Ele me concedeu no decorrer desses anos. Inicialmente, me formei em Magistério em 2013 e no ano seguinte já comecei a trabalhar

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – Ufla; formada em Magistério Normal Nível Médio; atua como Monitora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Lavras. E-mail: jessica.andrade@estudante.ufla.br

² Graduado em Pedagogia (Uninter) e em Química (Licenciatura - Ufla); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (PPGE/Ufla); Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - CAPES); atua como Professor substituto na área de Tecnologia Educacional e Educação a Distância DED/Ufla e como Professor colaborador no curso de Pedagogia da FAGAMMON.

como monitora da Educação Infantil. Aos poucos fui me reconhecendo neste trabalho e cada dia mais me encantando com os pequenos, encantamento este que me instigou a continuar procurando sempre me qualificar profissionalmente nessa área. Foi então que fiz o vestibular para o Curso de Pedagogia e consegui essa oportunidade de cursar a graduação que tanto sonhei.

Foram muitas as experiências vivenciadas ao longo desses anos que me dedico à educação e uma delas que considero uma das mais importantes foi poder contemplar a beleza que existe e perpassa as relações entre educandos e educadores. É visível a criação dos elos que são construídos ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem e que posteriormente podem influenciar de forma significativa no desenvolvimento humano.

Falar em educação exige de ambas as partes, isto é, de educadores e educandos, envolvimento, trocas e renúncias, afinal, educar é e sempre será um ato que exige disponibilidade e amor. Amor este que não se limita aos muros de uma escola e que muitas vezes pode tornar-se abrigo, livrando-nos de toda a ignorância existente por meio do olhar atento e sensível de um professor.

O motivo da escolha do meu tema de pesquisa surgiu por meio das inúmeras trocas de afeto que foram despertadas em mim por minhas professoras da Educação Infantil, tendo em vista que essas foram essenciais na escolha da minha profissão. Sempre gostei das minhas professoras e a maioria delas despertaram em mim uma troca afetiva que me motivava cada dia mais o gosto pela escola. Tudo isso me fez compreender sobre as possibilidades que eu poderia alcançar e o quanto a educação poderia ser transformadora e um alicerce motivador em minha vida.

Sempre estudei em escolas públicas e cursei o Ensino Fundamental em uma escola da zona rural. Recordo-me que muitas vezes cheguei a pensar que adentrar em uma universidade seria algo que estaria distante da minha realidade, algo até mesmo impossível de ser alcançado. Porém lembro-me com muito carinho de que nossas professoras sempre nos incentivavam a buscar sempre mais, diziam que éramos capazes de conseguir tudo desde que nos dedicássemos a isso.

Quando olho para o trajeto percorrido até aqui percebo a importância do quanto o simples fato de se ter professores que incentivam seus educandos e acreditam neles, pode fazer toda a diferença em suas vidas. Isso acontece porque ser professor é regar esperanças e aguardar ansiosamente que os frutos sejam colhidos abundantemente no futuro. Porém, esse envolvimento não cabe somente ao professor, é preciso também que o educando esteja disposto a se empenhar e a buscar sempre o melhor para si.

A realidade que temos presenciado atualmente revela-nos que a afetividade está cada vez mais escassa e o que tem prevalecido é a violência que atormenta e aprisiona a vida de muitos professores. Esses episódios de violências frequentes nos levam a refletir como os valores essenciais para uma boa convivência estão se perdendo ao longo do caminho, dando espaço para o medo e total insegurança quando nos referimos ao ambiente escolar.

A partir disso, justifico então esta pesquisa pela necessidade de investigar a seguinte problemática: Como falar em afetividade na escola em tempos de violência, banalização e barbárie? Como resgatar a afetividade dentro da escola? São questões instigantes e que relatam as violências que permeiam os ambientes educacionais ultimamente e, com base nisso busco nesta pesquisa encontrar respostas e possíveis soluções para esses problemas.

Objetivando a construção de uma perspectiva sobre o conceito da afetividade, este artigo busca apresentar e problematizar este tema para verificar aspectos de uma crise afetiva entre professor e aluno no processo de aprendizagem, analisando sua pertinência no processo formativo a fim de identificar possíveis soluções para resgatar os vínculos afetivos dentro da escola, proporcionando assim, um novo olhar sobre essa temática com vistas a possibilitar novas posturas e práticas no contexto escolar.

Ao analisarmos o contexto social no qual estamos inseridos percebemos que vivemos em uma sociedade que nos remete ao individualismo, barreiras estão sendo criadas a todo o momento, impedindo assim, que laços afetivos sejam construídos principalmente dentro do ambiente escolar. Dessa forma, diante desta pesquisa busco compreender as razões que envolvem essa crise afetiva entre professores e educandos.

Considero importante investigar esse tema tendo em vista que a escola ainda pode ser um ambiente de transformações de vidas onde se faz necessário cada dia mais o resgate de valores como o respeito e o afeto. Não podemos perder a esperança de que a educação pode mudar a realidade de muitas pessoas e de que os professores ainda poderão exercer sua profissão com dignidade e acima de tudo muito respeito.

Para melhor compreensão do tema a pesquisa foi dividida em tópicos que abordaram os seguintes aspectos: *Caminhos percorridos* no qual foi delineado o método de trabalho que se baseou na pesquisa bibliográfica; *Afetividade: definições* abordou-se o conceito de afetividade segundo alguns autores; *A construção dos vínculos afetivos* destacou-se a relevância do afeto no processo de socialização do ser humano; *Afetividade no processo de aprendizagem* em que verificou-se a importância da afetividade para que se estabeleçam relações de aproximações entre educadores e educandos; *O resgate da afetividade* em que se encontram alguns aspectos

relevantes para que a afetividade possa ser resgatada no ambiente escolar e, por fim as considerações finais trazendo os resultados alcançados pela pesquisa.

2. Caminhos percorridos

Como método de trabalho foi escolhido a pesquisa bibliográfica, resultando em uma revisão dos principais artigos que abordam o tema escolhido. Foi possível coletar informações importantes que contribuíram para a realização da pesquisa, uma vez que com essa inserção no universo das escritas acadêmicas, exercita-se um olhar mais instigante para o mundo científico e do ser pesquisador. Ao aprofundar nos principais referenciais teóricos sobre o tema obteve-se explicações importantes, objetivando um diálogo com os autores a fim de construir vastos conhecimentos.

Conceituando a pesquisa bibliográfica podemos considerar que:

A pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa etc. (GIL, 2002, p. 59).

De acordo com as informações citadas foram traçados os caminhos para um bom êxito da pesquisa, agindo com precisão na busca dos saberes, perpassando todas as etapas de forma que ao final obtivéssemos relevantes resultados. Esse método permitiu um levantamento com base nos objetivos traçados considerando que a fundamentação teórica permite uma real discussão sobre o tema propiciando uma visão ainda mais ampla sobre a problemática.

A pesquisa bibliográfica proporcionou um leque de autores que me auxiliaram na escrita a partir da seleção de principais contribuições por meio da leitura, objetivando com isso discutir as teorizações de cada um deles para a elucidação do meu problema de pesquisa. Nesse sentido, o referencial teórico deste trabalho foi construído a partir da leitura de materiais já elaborados como livros, teses, publicações em periódicos, artigos científicos com base em temáticas como afetividade, crise afetiva e vínculos afetivos. Para isso, realizou-se uma intensa revisão bibliográfica a partir da leitura de artigos científicos selecionados online nas plataformas *Scielo.org-Scientific Eletronic Library Online* e Portal de Periódicos CAPES.

Conforme esclarece Boccato (2006), citado por Pizzani et al. (2012):

[...] a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referências teóricas publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (BOCCATO, 2006, p. 266; citado por PIZZANI, 2012, p. 54).

Diante dessa perspectiva pode-se compreender que a pesquisa bibliográfica exige um planejamento para sua execução que perpassa as discussões sobre a temática, propiciando assim, a construção de um trabalho bem estruturado e que consolide com as expectativas e objetivos traçados pelo pesquisador.

Desse modo, foram tecidas também minhas conclusões a respeito do tema com a finalidade de encontrar possíveis respostas pretendidas a partir dos objetivos já apresentados, traçando uma visão mais ampla sobre o assunto.

3. Afetividade: definições

Para compreender as questões que envolvem o tema da afetividade faz-se necessário um aprofundamento sobre esse conceito tendo em vista que ele pode ser abordado sob três diferentes aspectos: filosófico, psicológico e pedagógico. Nesta pesquisa a afetividade será abordada sob os aspectos pedagógicos e psicológicos.

Conforme La Taille (1992, p. 65), “a afetividade é interpretada como uma energia, como algo que impulsiona as ações, como a mola propulsora das ações”. Capelatto (2003) refere-se à afetividade como sendo a dinâmica mais profunda e complexa que o ser humano pode participar. Inicia-se a partir do momento que um sujeito se liga a outro pelo afeto. Desde a concepção humana os elos afetivos vão sendo criados e esses vínculos vão se aperfeiçoando ao longo do tempo e fortalecendo-se passando a impulsionar as suas ações.

Sabemos que o ambiente escolar proporciona esse contato entre educadores e educandos, podendo propiciar dentro desse vínculo várias manifestações de sentimentos positivos ou até mesmo negativos. A afetividade no ambiente escolar ultrapassa os conteúdos verbais, são mais que meras explicações, é um olhar atento do professor para com seu educando perpassando as realidades e vivências que os cercam, ou seja, a afetividade vai muito além de construção de saberes, é o conhecer o outro e saber identificar seus anseios, medos e possíveis frustrações, oferecendo suporte para que o seu desenvolvimento possa de

fato acontecer com amplitude. Para que esse desenvolvimento aconteça é necessário o envolvimento de ambas as partes e que os sentimentos sejam recíprocos, pois somente assim os elos serão fortalecidos e utilizados a favor da construção dos saberes.

Falar de afetividade é falar de vínculos, experiências, contato, empatia. Quando o educador estabelece com seu educando relações baseadas no acolhimento e no respeito, automaticamente esses vão se desabrochando tornando a convivência mais fecunda e fortalecida. A afetividade quando bem trabalhada no ambiente escolar fortalece as relações gerando nos educadores e educandos sentimentos positivos de confiança. Ao se sentir acolhido o educando caminha com mais tranquilidade e empenho perpassando as dificuldades existentes com naturalidade e disciplina. A confiança no educador é de suma importância para que o educando encontre ali uma proximidade capaz de romper os paradigmas que o impedem de aprender com amplitude.

O termo afeto nos remete as emoções e manifestações de sentimentos. De acordo com a teoria Walloniana, a emoção é considerada como primeiro e mais intenso vínculo que permeia as relações entre o sujeito e as pessoas que o cercam. Segundo Wallon (1971), citado por Leite (2012, p. 360), “desde o nascimento o ser humano passa a ser contagiado por manifestações emocionais a fim de satisfazer seus anseios e ao longo do seu desenvolvimento essas manifestações vão se tornando mais complexas e intensas”.

Conforme explica Mahoney e Almeida (2004, p. 17-18) citado por Leite (2012, p. 360):

[...] as emoções são identificadas pelo seu lado orgânico, empírico e de curta duração; os sentimentos, mais pelo componente representacional e de maior duração [...] A paixão é encoberta, mais duradoura, mais intensa, mais focada e com mais autocontrole sobre o comportamento.

Em consonância com essa fala pode-se considerar que a afetividade possui uma amplitude nas relações ente os sujeitos, produzindo impactos significativos sobre seus comportamentos, levando em conta que as aproximações afetivas podem consequentemente resultar em elos emocionais, favorecendo assim as relações interpessoais dentro das salas de aula. É impossível falar de afetividade sem citar a importância de se lidar com as emoções, afinal são elas que permeiam as relações afetivas entre os sujeitos. Quando o educando começa a experimentar as manifestações de sentimentos e elos afetivos dentro do ambiente escolar, a segurança no educador vai se consolidando a ponto de tornar duradouras essas relações e trocas afetivas. É válido ressaltar que o ambiente escolar pode e deve ser um lugar

propício para se trabalhar as emoções e os sentimentos. O educador precisa conhecer seu educando e compreender as suas manifestações emocionais para futuramente utilizá-las a favor da construção dos saberes.

Baseando-se nos referenciais acima, podemos compreender que afetividade pode ser um dos fatores que permeiam as relações sociais dos indivíduos, podendo assim, contribuir de forma facilitadora no processo de ensino e aprendizagem. Toro (2002) aponta que a afetividade é a afinidade profunda entre duas pessoas, permeada por uma relação de trocas mútuas em que ambos contribuem para o enriquecimento do outro. Ao relacionarmos o tema afetividade com o processo de ensino-aprendizagem podemos observar que essas relações de trocas são essenciais na construção dos saberes, uma vez que ao ensinar o educador automaticamente está contribuindo para o enriquecimento do educando e, a partir dessas trocas vai fortalecendo ainda mais os vínculos afetivos.

O educando ao ser inserido em um ambiente permeado pelo afeto sente-se seguro para se desenvolver, e a conquista desse elo afetivo vai proporcioná-lo inúmeras possibilidades. Uma delas é a de se sentir parte desse processo de aquisição de conhecimento, sendo essa segurança um meio facilitador e propício à aprendizagem. Diante dessa perspectiva pode-se perceber o quanto essa intensidade nas relações pode contribuir para o sucesso do aprendiz. Nesse sentido, ao educador cabe o estímulo e ao educando o comprometimento ao longo desse processo.

Nesse contexto, entende-se que o ato de educar não se resulta apenas na transmissão do conhecimento aos educandos, existem vários fatores que necessitam ser levados em conta, entre eles o fato do educando não ser um indivíduo pronto, ele precisa ser instigado e sentir prazer em estudar como aborda Cunha (2008):

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz. (CUNHA, 2008 p. 51).

O autor nos atenta sobre a necessidade de se conquistar a atenção do aprendiz, rompendo as barreiras que possam impedir o sucesso da aprendizagem, fazendo com que o aprendiz se abra para o conhecimento e principalmente se sinta seguro e encorajado a prosseguir. Dentro do ambiente escolar o professor encontra diversas situações, afinal cada

aluno carrega consigo suas bagagens, vivências, angústias, conflitos, entre outros fatores que podem se tornar barreiras para o seu desenvolvimento. Essas questões precisam ser tratadas com seriedade e respeito pela escola, pois estas podem interferir no processo de aprendizagem e até mesmo levá-lo ao fracasso.

É perceptível ao longo do processo de aprendizagem a importância do educador lançar ao seu educando um olhar que seja capaz de detectar esses conflitos, visto que eles podem interferir diretamente no processo. Ao detectar esses conflitos cabe ao professor se esforçar para encontrar possíveis formas de fazer com que estes não venham interferir negativamente no processo de aprendizagem. Porém, quando o educando se sente importante e parte do processo, estabelece-se assim um clima de confiança e respeito mútuo, passando-se a progredir e avançar em seus conhecimentos.

A afetividade na escola se estrutura por meio da cumplicidade entre educadores e educandos, ou seja, necessita da colaboração de ambas as partes para que de fato se torne eficaz no desenvolvimento e na construção de saberes que sejam impactantes e transformadores em uma sociedade regada por desafios quando se trata de educação.

3.1 A crise afetiva

A docência exige dos educadores a superação de inúmeros desafios presentes no contexto escolar. Lecionar não envolve apenas o domínio de conteúdos e vai muito além da prática aplicada e desenvolvida em sala de aula. Levando isso em consideração pode-se observar o quanto a formação docente é importante para que o educador esteja preparado para lidar com os conflitos existentes no âmbito educacional, sua conduta deve estar embasada e ser coincidente com a sua lealdade e ética profissional, ou seja, a teoria e a prática devem caminhar juntas e é na prática que as relações vão sendo aprimoradas. É nesse processo que os desafios também vão surgindo.

Os professores são heróis anônimos, fazem um trabalho clandestino. Eles semeiam onde ninguém vê, nos bastidores da mente, aqueles que colhem os frutos dessas sementes raramente se lembram da sua origem, do labor dos que plantaram. Ser mestre é exercer um dos mais dignos papéis intelectuais da sociedade, embora um dos menos reconhecidos. Os alunos que não conseguem avaliar a importância dos seus mestres na construção da inteligência nunca conseguirão ser mestres na sinuosa arte de viver. (CURY, 2006, p. 133).

Os desafios enfrentados pelos educadores no âmbito educacional muitas vezes passam despercebidos pelo olhar da sociedade e governantes que não valorizam e nem mesmo estão atentos as suas necessidades. Somente adentrando o ambiente escolar é que se percebe as lacunas causadas pelo tempo quando nos referimos a profissão do educador, aqueles que eram tratados com respeito na antiguidade hoje tornam-se anônimos diante de muitos. É nos bastidores que são reveladas a essência dos educadores ao exercerem seu digno papel, sem muitas vezes serem reconhecidos por uma sociedade que está preocupada em apenas colher frutos e não dão valor aqueles que os semeiam.

É perceptível o quanto a classe dos educadores sofre para que seus direitos sejam assegurados diante da sua importante missão de educar, são inúmeros os fatores que levam muitos educadores a se sentirem frustrados e desanimados em prosseguir suas carreiras, entre eles: a desvalorização salarial, a falta de interesse dos alunos e a carência do apoio das famílias são questões que os atingem e os desmotivam diariamente.

A não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras prejudica a ambos, e isso afeta diretamente o processo ensino- aprendizagem: - no aluno, pode gerar dificuldades de aprendizagem; - no professor, gera insatisfação, descompromisso, apatia, podendo chegar ao estresse. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005. p. 2).

Conforme citado acima, quando essas necessidades afetivas não se tornam um elo entre educandos e educadores são notáveis os problemas que podem vir a interferir nesse processo, gerando desgaste e frustrações que impedem que de fato a aprendizagem possa acontecer.

Percebe-se que ao longo do tempo os elos afetivos estão sendo comprometidos por diversos fatores quando nos referimos ao contexto educacional, ao adentrar o ambiente escolar é notável cenas de desrespeito, medo e até mesmo insegurança por parte dos educadores.

Muitas são as indagações que norteiam a crise afetiva, não é fácil compreender os motivos que acarretaram a inserção desse problema no cenário escolar. O professor que é citado por Freire (1996), como um mestre, tem passado por situações de violência diante da sua missão de ensinar e isso é algo frustrante e inaceitável em sua carreira.

Ao analisar os possíveis motivos da crise afetiva no ambiente escolar percebe-se que esse problema envolve muitas questões. Estas abrangem de certa forma as relações afetivas entre os seres humanos e que pode não ter necessariamente surgido dentro do âmbito escolar, mas sim ocasionadas por inúmeros fatores, bagagens e frustrações afetivas que não foram

bem resolvidas na vida de educandos e também dos educadores. Não se pode ofertar ao outro aquilo que não se tem, se educadores e educandos não tiverem em suas vidas boas experiências afetivas será bem mais complexo estabelecer que essas relações possam ser consideradas positivas e aliadas no processo de ensino e aprendizagem.

Vivemos em uma sociedade onde muitas vezes as relações afetivas estão sempre colocadas em segundo plano e, quando o indivíduo é inserido no meio escolar onde a socialização precisa acontecer torna-se um desafio para a criação de vínculos, o que dificulta as trocas afetivas e conseqüentemente surgem a partir disso bloqueios nas relações. O bloqueio na relação entre educadores e educandos acarreta problemas no convívio e isso é algo que precisa ser tratado com delicadeza no espaço escolar, visto que o convívio entre eles deve ser de confiança mútua, não pode haver espaço para desconfiança e nem mesmo medo. O educador deve deixar claro seus objetivos e suas expectativas em relação aos educandos, estabelecendo assim limites, e em contrapartida educandos devem contribuir para que essas relações afetivas se fortaleçam e se tornem incentivadoras na busca e na construção das aprendizagens. Faz-se necessária uma proximidade que seja aberta as trocas, ao diálogo e a cooperação.

Conforme explicita Freire: “Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições, em um ser crítico e inquieto em face da tarefa que tendo a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 52).

Percebe-se nessa fala que o autor ressalta a importância do professor cumprir sua tarefa de ensinar e não apenas transferir conhecimentos, pois os alunos possuem curiosidades que precisam ser sanadas. Ao lançar um olhar observador sobre eles o educador precisa enxergar um ser crítico e inquieto que será capaz de extrair ricos conhecimentos.

No decorrer do tempo os vínculos afetivos dentro das escolas estão se perdendo e como reflexo dessa situação o cenário da violência tem adentrado o ambiente escolar, fazendo com que o elo afetivo entre professores e educandos resulte em uma polêmica crise afetiva que banaliza e fere todo o contexto educacional.

É preciso compreender quais são os fatores que contribuíram para que essa crise afetiva chegasse até o ambiente escolar, tornado esse espaço um alicerce para tantos episódios de violência que muitas vezes são relatados e vivenciados pelos próprios professores dentro das salas de aula de nosso país. Um relacionamento baseado na afetividade torna o ambiente mais harmonioso e propício a aprendizagem. Quando surgem episódios de crise e o afeto se faz presente torna-se mais fácil a resolução dos conflitos.

É válido ressaltar que no ambiente escolar faz-se necessário cada vez mais a criação de vínculos afetivos pautados no envolvimento, comprometimento e empatia, pois esses são alicerces para a construção de uma aprendizagem fundamentada no respeito mútuo. Conforme podemos constatar a seguir: “Estabelecer um vínculo afetivo é fundamental para promover o bem-estar do outro. Para que o professor desempenhe seu trabalho de forma a atingir seus objetivos, o estabelecimento do vínculo afetivo é praticamente obrigatório” (CODO; GAZZOTI, 1999, p. 45). Não é possível falar em educação sem envolver o afeto, tendo em vista que os vínculos afetivos solidificam as relações transformando-as em duradoras e importantes no processo de ensino-aprendizagem.

Retomando a busca sobre as questões que abrangem a crise afetiva no ambiente escolar não se pode detectar um único culpado, uma vez que existem muitos aspectos envolvidos. Por parte dos educandos podemos citar: a falta de estrutura familiar, a violência causada pela indisciplina, comportamentos agressivos e desinteresse pelos estudos. Em relação aos educadores podemos ressaltar o medo de sofrer algum tipo de violência, a baixa remuneração, a falta de apoio em sua capacitação profissional e as frustrações encontradas pelo caminho ao traçar seus objetivos e expectativas em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Todos esses fatores contribuem para o fracasso escolar que retira da escola sua essência de ser um ambiente de socialização e que propicia aos educandos a possibilidade de se desenvolverem de forma integral, explorando a construção das relações afetivas e se apropriando de cada uma delas como um alicerce para seu aprendizado.

O fracasso escolar é apenas uma das faces da desigualdade social. Desigualdade que penetra no cotidiano escolar, ali se revela e se desenvolve com características peculiares. A escola não é simplesmente um espaço de reprodução do contexto social, uma vez que nela são geradas práticas específicas através das quais a desigualdade se constrói e, em alguns momentos, permite a construção de práticas alternativas que superam ou tentam superar, as desigualdades iniciais. (ESTEBAN, 2001, p. 30).

Assim sendo, as desigualdades sociais contribuem de forma impactante para o fracasso escolar, mas a escola assumindo seu papel comprometedor em relação aos seus educandos tem por excelência o dever de buscar alternativas que visam minimizar e superar essas desigualdades. Quando citamos a crise afetiva torna-se distante compreender o papel do educador como potencializador do desenvolvimento do educando, pois, para exercer a docência como motivador de vidas faz-se necessário que os elos afetivos estejam fortalecidos e alicerçados no respeito recíproco.

Estabelecer relações de confiança e respeito é uma das principais alternativas para que de fato a crise afetiva não seja um fator prejudicial no processo de ensino-aprendizagem, ao propiciar o bem-estar do educando o educador faz com que ele se torne mais forte e capaz de superar seus objetivos, oferecendo a eles a oportunidade de delinearem seus trajetos com sabedoria e motivação.

Portanto, o vínculo afetivo entre educadores e educandos consolida e exerce muitas influências sobre o processo de aprendizagem destes, visto que esse elo pode suprir lacunas e romper possíveis barreiras existentes. Estas podem tornar o ensino frustrante e desgastante para ambas as partes. As inquietações sobre a superação da crise afetiva dentro das escolas vão muito além do querer do educador, é preciso uma ação regada de muito anseio na construção de elos afetivos que sejam capazes de dilacerar qualquer tipo de crise existente.

3.2 Construções de vínculos afetivos

Estabelecer uma relação de confiança e respeito mútuo tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores no cenário atual. São muitos os fatores que têm interferido diretamente nesses vínculos entre educadores e educandos. No entanto, é importante que essa construção se faça presente no âmbito escolar. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's:

Ao lado do trabalho de ensino, o convívio dentro da escola deve ser organizado de maneira que os conceitos de justiça, respeito e solidariedade sejam vivificados e compreendidos pelos alunos como aliados à perspectiva de uma “vida boa”. Dessa forma, não somente os alunos perceberão que esses valores e as regras decorrentes são coerentes com seus projetos de felicidade como serão integrados às suas personalidades: se respeitarão pelo fato de respeitá-los. (BRASIL, 1997, p. 80).

A construção de valores pautados na justiça, respeito e solidariedade dentro da escola deve ser uma meta a ser alcançada por toda equipe escolar. Quando o educando passa a enxergar traços desses valores automaticamente ele é instigado a praticá-los, contribuindo assim para que relações respeitadas possam prevalecer.

Vivemos cercados por diversos conflitos na sociedade atual. Muitas vezes presenciamos cenas em que a desconfiança, a falta de diálogo e até mesmo a violência tendem a predominar e, o ambiente escolar não está imune a ser palco dessas situações. Por esse motivo é muito importante que os educadores se atentem e estejam sempre disponíveis a

fomentar a criação de vínculos afetivos pautados no respeito e principalmente no diálogo. Como citado anteriormente, é preciso despertar no educando uma relação de confiança e cabe ao professor possibilitar essa motivação e admiração.

Ao educador cabe a compreensão de que todo meio utilizado para que haja aproximações em relação ao educando pode de fato ser eficaz para que sua prática pedagógica seja aplicada de uma forma mais leve e interessante aos olhos dos educandos.

Conforme explica ALVES (2004, p. 35). “Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro. Sabendo o que ele sabe eu carrego sua pasta.”

Percebemos nessa fala o quanto a figura do “mestre” pode ser influenciadora para o educando, essa admiração impulsiona o aprendiz e faz com que o mesmo seja instigado a querer aprender mais e mais, não pelo simples fato de cumprir tarefas e obrigações, mas pela necessidade de retribuir todo o seu empenho. Ao aprender o educando é impulsionado pelo sentimento de admiração e profunda gratidão ao seu professor. A admiração ao mestre é capaz de abrir as portas da inteligência lançando mão a toda ignorância, levando o educando a adentrar o caminho do aprendizado e a seguir com confiança as pegadas de seu “mestre”.

A criação dos vínculos afetivos no ambiente escolar se dá a partir das trocas e envolvimento de ambas as partes, considerando assim diversos aspectos que se tornam ao longo do processo um alicerce para o fortalecimento das relações entre educandos e educadores. O educando precisa encontrar em seu professor segurança para que haja o desabrochar desses sentimentos. Diante dessa perspectiva podemos observar que se tornam inaceitáveis sentimentos de hostilidade e desconfiança nesse percurso.

Saber se posicionar diante do educando a partir de uma parceria que estabeleça uma sadia convivência é um grande passo para o fortalecimento dos vínculos afetivos e da criação de confiança entre as partes. Quando o professor proporciona ao educando uma abertura para o diálogo e manifestações de seus anseios, ele permite uma aproximação que é capaz de quebrar qualquer barreira existente e que venha a dificultar essas relações.

Estabelecer conexões pautadas no diálogo pode de fato contribuir muito para a construção de relações sólidas e que certamente terão um impacto significativo no processo de aprendizagem. O diálogo proporciona momentos de conhecimento, de trocas de experiências que ao serem compartilhadas são capazes de trazer união entre educadores e educandos e, caminhando juntos vão ainda mais longe em busca dos seus objetivos, o educando de

aprender e adquirir saberes e ao educador a possibilidade de educar de forma prazerosa e eficaz.

Ter em vista a percepção e o juízo de nossos alunos nos permitirá entrar melhor no mundo deles. A opinião deles não é nossa norma; contudo, devolver para eles de maneira um pouco organizada a visão que tem do bom professor ou do professor desejado pode ser uma boa oportunidade para a reflexão deles e a nossa. Podemos encontrar aqui uma ocasião de comunicação significativa como nossos alunos, ao nos dizer como deveríamos ser, nos comunicar suas próprias necessidades tal como eles as vivem. (MORALES, 1998, apud MEDEIROS, 2017, p. 35).

Observamos acima a necessidade de um olhar mais sensível do professor para seus educandos, um olhar que consiga detectar que ali existe um ser humano, um ser inacabado, mas que carrega consigo suas vivências e bagagens e que também necessita ser ouvido, expressando a partir da comunicação suas opiniões e anseios. Afinal, o professor não deve ser considerado o dono da verdade e sim oportunizar momentos de reflexões e compartilhamento de ideias e saberes. Ao entrar no mundo do educando é possível detectar suas dificuldades e também refletir sobre sua conduta, podendo posteriormente constatar suas falhas, buscando sempre o aprimoramento de suas ações.

Morales (1998) citado por Medeiros (2017) nos atenta sobre os traços de personalidade dos professores e como isso reflete nos relacionamentos e em suas condutas dentro da sala de aula, conforme podemos verificar a seguir:

Sem dúvida, há traços de personalidade mais promissores que outros para ser um bom professor e estabelecer um bom relacionamento com os alunos; entretanto talvez aqui, mais que insistir em traços, convenha insistir em atitudes. O que mais importa são nossas próprias atitudes e como concebemos nosso papel de professor. (MORALES, 1998 apud MEDEIROS, 2017, p. 37).

Essa fala nos leva a refletir sobre a conduta do professor em sala de aula e no quanto isso pode ser impactante na construção de relações afetivas no contexto escolar. Percebe-se que as atitudes do professor em relação aos educandos podem contribuir ou não no processo de ensino e aprendizagem. Ao trazer e apresentar traços de sua personalidade o professor permite com que o educando o conheça, estabelecendo assim uma maior intimidade, criando uma conexão baseada na sua forma de ser e ensinar. Porém, ao se apresentar como alguém que mantém sua conduta baseada no autoritarismo e na antipatia ele já cria a partir desse

momento bloqueios que vão impedi-lo de adentrar a construção do vínculo afetivo em relação aos seus educandos.

Diante disso, é válido ressaltar que para existir a construção de vínculos afetivos na escola é preciso que se estabeleçam condutas que sejam condizentes com o respeito ao outro, e que fortalecidos por essas aproximações entre educadores e educandos busquem juntos a confiança mútua, não somente para aquisição de conhecimentos, mas também para que o convívio saudável se instale no meio deles, levando-os a refletirem sobre o seu papel transformador na sociedade que se encontram inseridos.

3.3 Afetividade e o processo de aprendizagem

A relação afetiva criada entre educadores e educandos é um fator que reflete diretamente no processo de ensino-aprendizagem, posto que a afetividade faz a mediação das trocas de saberes e aproximações entre eles. Conforme afirmam Mahoney e Almeida (2005, p. 1) “o processo de ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal professor-aluno é um fator determinante”.

Essa fala nos oportuniza refletir que não é possível separar o ensino da aprendizagem, pois um complementa o outro e ambos trabalhados de forma adjacentes são fundamentais para que o desenvolvimento do educando aconteça de forma integral. Ao analisarmos o contexto atual da educação do nosso país podemos identificar muitas falhas existentes no processo de ensino e aprendizagem, que muitas vezes acontece por não existir uma estruturação de vínculos afetivos que sejam capazes de nortear e solidificar essas relações.

Para Mahoney e Almeida (2005, p. 2) “a escola é um meio fundamental para o desenvolvimento do professor e do aluno, ao dar oportunidades de participação em diferentes grupos; nesse meio, professor e aluno são afetados um pelo outro, e, ambos, pelo contexto onde estão inseridos”.

Quando se trata do ambiente escolar é justo dizer que o educador exerce um papel protagonista de suma importância e de responsabilidade imensurável. Porém, não se pode descartar também a importância do educando como um ser que pode ser capaz de contribuir para sua aprendizagem e tornar-se também protagonista dos seus conhecimentos. Para que isso aconteça cabe ao educador à mediação dos saberes, levando o educando a se tornar uma pessoa crítica e que seja capaz de fazer a diferença no meio social no qual se encontra inserido, podendo assim, tornar-se um cidadão capaz de transformar sua realidade permeando-

a com suas conquistas e conhecimentos construídos ao longo do seu desenvolvimento.

O conhecimento é o resultado da soma de inúmeros aprendizados que são construídos gradualmente a partir da interação do indivíduo com o outro e também com o meio que ele se encontra inserido, portanto,

[...] mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p. 69).

O ser humano é um ser social que necessita estar em constante processo de transformação, se reconstruindo a cada dia e tornando os conhecimentos adquiridos grandes aliados para sua formação e crescimento existencial, se abrindo muitas vezes aos riscos de errar, cair e até mesmo se frustrar, mas de nunca desistir dessa caminhada de ensino e aprendizagem.

Estabelecer uma relação afetiva não quer dizer que o educador deve se comportar de forma melíflua o tempo todo com seus educandos, mas sim, tratá-los com respeito exercendo sua autoridade baseada na coerência e em condutas que oportunizem a partilha dos conhecimentos.

O cuidado com o aluno vai muito além de dar um beijinho, elogiar e acarinhar. Muitas vezes o afeto é demonstrado de forma contrária: quando o professor é severo. Se ele é justo e chama a atenção de forma respeitosa, o aluno passa a admirá-lo e busca não decepcioná-lo. (CAVALCANTE, 2005, p. 56).

É preciso cuidado quando se refere ao tema afetividade dentro da escola para que ela não seja confundida com excessos de demonstrações de carinhos e preferências. A afinidade entre educador e educando deve acontecer de forma respeitosa e atenciosa, lembrando-se sempre que o fortalecimento dessas relações contribuirá para que uma admiração seja estruturada e se torne um meio facilitador da aprendizagem.

Segundo Cavalcante (2005, p. 55) “a construção de valores e atitudes cabe à escola, sim. O seu papel, professor, é identificar entre tantas opções o que pretende construir com sua turma. Valorizar o melhor de cada um é essencial para o crescimento”. Dessa maneira, ao preparar os indivíduos baseando-se na construção de valores, a escola passa a contribuir diretamente na transformação da sociedade. Quando o processo de aprendizagem está pautado

nas relações respeitadas da convivência torna-se um grande passo para que se alcance o sucesso no desenvolvimento do aprendiz. Enxergar o educando como alguém capaz de se posicionar e transformar a sua realidade deve ser algo presente na conduta do educador.

Conforme explica Cavalcante (2005): “O modo como os professores enxergam a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem. Quando não julgam e procuram se aproximar do aluno, acreditam nele, observam seu comportamento e incentivam suas capacidades, ele tem tudo para crescer”.

É válido e eficaz oportunizar aos educandos momentos de partilha e de valorização dos seus saberes. Ao poder expressar seus conhecimentos se reconhecerá como parte desse processo e desconstruirá os pensamentos de que somente o professor é detentor de todo o conhecimento, passando assim, a admirá-lo como um mediador do seu processo de aprendizagem que o observa a todo instante e que acredita em suas capacidades. Considerando essas questões pode-se perceber que a afetividade pode de fato ser um fator importante para a contribuição no processo de aprendizagem, quando utilizada de forma correta e ponderada pelo educador.

3.4 O resgate da Afetividade

Diante dos vários acontecimentos que muitas vezes nos levam a acreditar que cada dia mais tem se tornado muito distante resgatar as relações afetivas no ambiente escolar, Leite e Tassoni (2002) nos apresentam alguns caminhos a serem trilhados para que isso verdadeiramente seja alcançado, conforme descrito abaixo:

As relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto do conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões. (LEITE; TASSONI, 2002, p. 136).

A escola precisa oferecer aos educandos um ambiente que seja acima de tudo auspicioso para a sua aprendizagem, que valorize suas capacidades e respeite os seus anseios, despertando assim, sentimentos de acolhimento em que educadores e educandos possam caminhar juntos em busca do seu aperfeiçoamento como um ser humano transformador que precisa ser lapidado a cada dia.

Resgatar a afetividade dentro do âmbito escolar precisa ser uma prioridade,

principalmente nos tempos que temos vivenciado em que a desconfiança parece prevalecer, tornando conflituosas as relações, perdendo-se completamente a essência do verdadeiro papel da escola na vida de seus educandos.

De acordo com Arroyo (2000, p. 54), “podemos aprender a ler, escrever sozinhos, podemos aprender geografia e a contar sozinhos, porém não aprendemos a ser humano sem a relação e o convívio com outros humanos que tenham aprendido essa difícil tarefa”. Ou seja, a escola exerce uma impactante contribuição na maturação do desenvolvimento humano e conseqüentemente na formação de futuros indivíduos que exerçam com criticidade seu papel na sociedade.

[...] como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1999, p. 159).

O resgate da afetividade deve levar o educador a compreender seu educando a partir das interações estabelecidas. Ao querer bem a ele relações afetivas se estabelecem e a prática educativa passa a não girar apenas em torno da “transmissão de conteúdos”, mas sim, na construção de conhecimentos significativos e instigantes ao educando.

Quando nos referimos a esse resgate tão importante não podemos deixar de citar aqui o papel da família como parceira da escola e também contribuinte para a formação dos indivíduos. A escola não deve caminhar sozinha e sim, procurar apoio nas famílias para alcançarem juntas um elo estruturado e que colabore para esse processo.

Não se pode esquecer que a escola é muito mais que uma estrutura física, ela contribui para a formação de pessoas, que muitas vezes carregam dentro de si marcas e anseios que devem ser valorizados na sua profundidade, reconhecidas como protagonistas de seus saberes e acima de tudo respeitadas em sua dignidade e, isso não vale somente ao nos referirmos aos educandos, mas também aos educadores que se tornam linha de frente perante aos desafios e que jamais desistem do seu objetivo de educar.

A qualidade da aprendizagem está certamente ligada à forma como o educando é acolhido dentro da escola, resultado das aproximações e mediações feitas pelo educador.

Assim sendo, para que a socialização aconteça faz-se necessário propiciar condições para que se sinta seguro, removendo dessa forma os obstáculos encontrados no processo de aprendizagem.

4. Considerações finais

É perceptível que o papel da escola não está ligado somente ao processo de ensino e aprendizagem dos indivíduos, uma vez que esses processos estão permeados pelas relações afetivas que podem contribuir para o sucesso das construções dos saberes. Diante disso, é fundamental o fortalecimento dos vínculos afetivos visando sempre atender as necessidades dos educandos e contribuindo para o bom êxito da prática desenvolvida pelos educadores em sala de aula.

É válido ressaltar que o educador deve ser sempre o mediador do conhecimento, uma ponte segura que liga seus educandos as imensas possibilidades da construção de seus saberes. Nesse sentido, essas relações devem sempre estar pautadas no respeito e empatia, pois nunca estarão prontos, estarão sempre em constante processo de aprendizagem.

A ação pedagógica aliada às dimensões que envolvem a afetividade é de suma importância para o sucesso do processo de aprendizagem e fortalecimento das relações humanas. Ao investigar se ainda é possível o resgate desses vínculos a fim de que estes possam contribuir para a construção de vivências significativas e capazes de transformar a educação do nosso país, pode-se concluir que embora pareça difícil, é realizável, desde que educandos e educadores compartilhem dos mesmos anseios, que devem ser uma busca constante da garantia de um futuro promissor a todos os indivíduos.

Salienta-se que esta pesquisa alcançou possíveis respostas aos questionamentos que envolvem o tema afetividade, partindo do pressuposto de que temos encontrado uma verdadeira crise afetiva dentro do ambiente escolar que tem banalizado os vínculos entre professores e educandos.

Diante de todas as discussões abordadas neste trabalho pode-se destacar que o espaço escolar é propício para falar sobre afetividade, tendo em vista que dentro dele permeiam as relações humanas que necessitam cada dia mais de atenção. Falar de vínculos afetivos é algo que nos remete a aproximações, que muitas vezes passam despercebidas, porém são extremamente necessárias.

Por fim, a presente pesquisa é apenas o início de uma reflexão sobre esse tema que servirá de base para futuros trabalhos de investigações.

“Link para vídeo de apresentação disponível em <<https://youtu.be/5zq2rohejnc>>”.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Ao Professor com Carinho**. Campinas: Papirus, 2004.

ARROYO, M. G. **Ofício do mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética/ Secretaria de Educação. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAPELATTO, I. R. **Educação com Afetividade**. São Paulo: Modelo, 2003.

CAVALCANTE, M. Como criar uma escola acolhedora. **Nova Escola**, São Paulo: Abril, n. 180, p. 51-57, março, 2005.

CODO, W; GAZZOTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Cord). **Educação, Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CUNHA, A. E. **Afeto e aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 19ª ed. Rio de Janeiro: sextante, 2003.

ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre a avaliação e o fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A. 2001

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1999.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

LA TAILLE, Y. et al. **Piaget, Vigotsky, Wallon**: Teorias Psicogenéticas em Discussão. 8. ed. São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, S. A. **Afetividade nas práticas educativas**. Temas em Psicologia, vol. 20, núm. 2, Ribeirão Preto, p. 355-368, 2012.

LEITE, S. A. S; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In.: AZZI, R. G; SADALLA, A. Ma. F. A. (orgs). **Psicologia e Formação docente**: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e Processo de Ensino-Aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo, 2005.

MEDEIROS, M. F. O papel da afetividade na relação professor aluno e suas implicações na aprendizagem. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, v.21, n. esp.2, p. 1165-1178, nov. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10179>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

PIZZANI, L; SILVA, R. C; BELLO, S. F; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-6, jul./dez. 2012. Disponível em:<<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40127>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

TORO, R. **O caminhar como expressão existencial**. São Paulo: Olavobrás, 2002.